

Natureza e Sociedade - Reflexões sobre os conflitos socioambientais no Brasil

Autora: Marília Pinheiro Rosa de Castro

2º semestre/ 2017

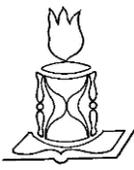
Roteiro de Atividades Didáticas (3 atividades, em 8 aulas de 50 minutos)

TURMAS: Sugere-se que a sequência didática abaixo se realizem nos segundos ano do Ensino Médio, posto que normalmente os primeiros anos já estudaram etnocentrismo e relativismo cultural, o que poderia servir de suporte para tal discussão. Porém, não parece haver qualquer impedimento para que seja trabalhada junto aos terceiros anos do Ensino Médio.

DURAÇÃO : Consiste em 3 atividades divididas em 8 aulas de 50 minutos.

FORMAS DE AVALIAÇÃO:

1. fotografia ou desenho, entregues junto com texto de reflexão após a aula 4 - 40% da nota final;



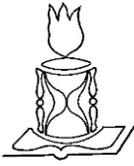
2. o material produzido em grupo sobre um conflitos socioambientais escolhido pelo grupos (aula 7) - 20% da nota final;
3. texto em trios (aproximadamente 4 páginas), individual, abordando - através de um caso escolhido pelo grupo - que reflita sobre algumas das consequências e problemas da nossa relação com os humanos diferentes de nós e os não-humanos. - 40% da nota final.

Os pesos foram distribuídos considerando a importância da prática escrita na disciplina de sociologia e por serem através delas (atividade 1 e 3) que o aluno elaborará e sintetizará pontos discutidos no programa. A atividade 1, porém, tem maior valor devido a importância do registro fotográfico ou em desenho do cotidiano, trazendo para a vida “não escolar e escrita” aquilo apreendido em sala de aula. A atividade 2. tem menor peso por ser mais interessante por ser um exercício de pesquisa no site dos conflitos socioambientais, e uma atividade de denúncia coletiva, do que por manifestar uma reflexão do estudante. Já a atividade 3., em grupo, seria uma forma de “estudo de caso”, mais aprofundado, que dialogue com os casos e discussões trabalhadas em sala de aula.

ATIVIDADE 1: Visão moderna da Natureza, do natural e suas consequências

Objetivo: Instigar e iniciar a discussão sobre como nossas concepções do que é natural e cultural não são oposições óbvias nem claras mas, pelo contrário, misturam-se a todo tempo. Os seres humanos sempre estiveram em inter-relação com todo o mundo que os cerca, agindo e sendo também impelido por ele. A separação Natureza X Cultura é, antes construto específico da sociedade ocidental, o qual nos separa da Natureza à nível de discursivo e político. Tomar cuidado para a discussão não recair em um biologismo: o objetivo não é naturalizar o que é o ser humano, mas mostrar como os terrenos da Natureza e Cultura se mesclam na vida social através de exemplos específicos, e variam de acordo com as formas de vida humanas e não-humanas de cada lugar.

O objetivo neste primeiro momento é começar a introduzir uma possibilidade de reflexão que nos ajude a pensar posteriormente nas configurações e consequências dos conflitos socioambientais que atestamos hoje no país. Optou-se assim, para que



eles inicialmente reflitam, com o apoio do professor, sobre o “natural” e “cultural” a partir de fotografias e notícias.

Duração: 2 aulas de 50 minutos

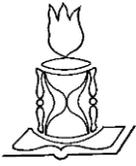
Recursos necessários: Projetor para mostrar slides em Power Point com fotografias.

AULA 1

Apresentar a discussão através de uma seleção de fotos, propondo uma dinâmica na qual a cada foto é pedido que os estudantes digam se eles consideram o que veem como Natureza, Cultura ou mesmo ambos. Perguntar o porquê instigando o debate. Se possível, ao final da aula, sistematizar junto deles algumas ideias principais que aparecerem e pedir para que pesquisem em suas casas, anotando no caderno, títulos de notícias jornalísticas que abordem de alguma maneira a questão da natureza.

Iniciar a discussão perguntando como eles diriam o que é natural e o que é social? Discutir como, no senso comum, em nossas conversas cotidianas, estamos sempre dizendo que “comer com talheres é uma prática cultural”, porque outras sociedades podem comer com hashi, por exemplo, ou mesmo com as mãos. Falamos todo o tempo de cultura, de diferentes culturas ou, quando não, falamos no “social”, na “sociedade” e em como o ser humano é social. Por outro lado, sempre ouvimos falar em coisas que são naturais, como comer. Podemos comer com talheres ou com hashi, mas comer é natural. Também falamos do natural quando pensando nos animais e na nossa ideia de “natureza selvagem”: “quero ir para a praia, passar um tempo na natureza”. Mas na prática, o que essas ideias de Cultural ou Social e a ideia de Natural querem dizer? Vamos discutir então a partir de exemplos práticos.

Mostrando uma fotografia por vez, perguntar se o que eles vem pertenceria à esfera do social ou do natural, ou de a ambas. Explorar o porquê e tentar alertar para como, na realidade, os dois terrenos de misturam continuamente.



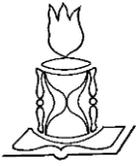
SLIDE 1:



**Teste de laboratório de microbiologia com mão de cientista em fundo - fotografia por
billiodigital no.118521402**

Natureza ou cultura?

Reflexão: apesar de ser uma prática das chamadas “ciências naturais” e de se tratar de um microorganismo, ele foi selecionado e alterados por uma série de instrumentos e sujeito à reações calculadas. Essa matéria orgânica não seria a mesma, e muitas vezes nem poderia ser observada, não fosse a tecnologia laboratorial utilizada.



SLIDE 2:



Cena do filme “Na Natureza Selvagem” (2017), de Sean Penn.

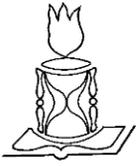
Natureza ou cultura?

Reflexão: é interessante refletir aqui sobre a ideia de “viajar para a natureza selvagem, a natureza intocada” e mesmo de estar “em contato com a natureza”. Não somos todos natureza também? O ser humano isolou-se da natureza após a Revolução Industrial e o xôdo rural, de maneira que passamos a construir uma nova prática de “sair da vida na cidade e aventurar-se”, voltando para a cidade nos finais de semana.

SLIDE 3:



Foto de Instituto Socioambiental - Monitoramento de áreas protegidas



Natureza ou cultura?

Disse o fotógrafo Sebastião Salgado: “Você não fotografa com a sua máquina. Você fotografa com toda sua cultura.” Essa fotografia, superficialmente tão “natural”, não pode estar falando também de cultura?

SLIDE 4:

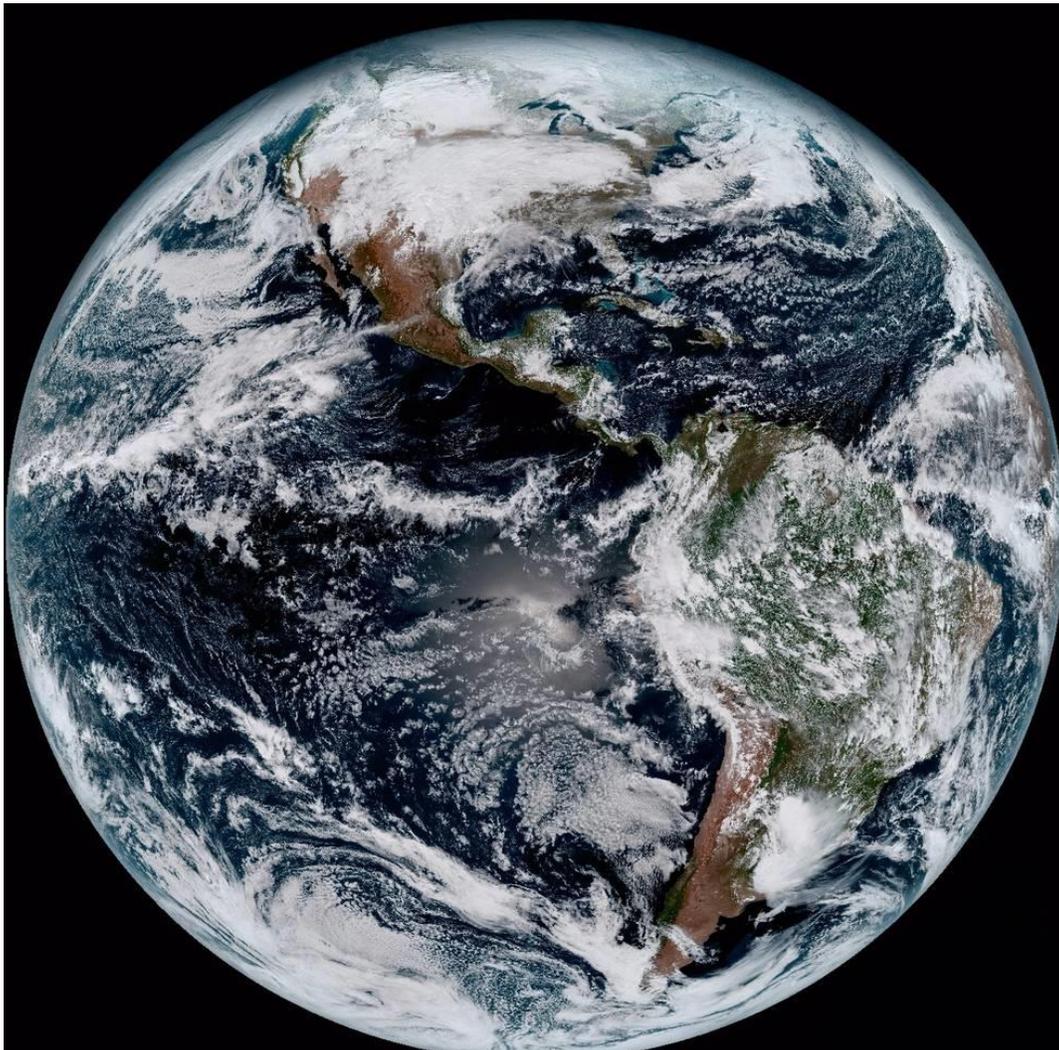
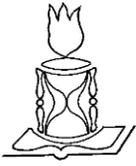


Foto NASA/NOAA



Natureza ou cultura?

Primeira reflexão: estamos falando de todo Planeta Terra, no qual vivem desde árvores e rios, até indústrias e diversos grupos humanos, com ainda mais diversas práticas culturais.

Segunda reflexão: essa fotografia foi tirada por quem? Alguém presente já viu essa imagem à olhos nus? Estamos falando de uma Terra que só pode ser vista assim por causa de uma tecnologia (cultural e natural, por ser feita a partir de preceitos dos dois terrenos). Nesse sentido, estamos falando de uma fotografia que mostra a natureza, mas também, necessariamente, a cultura.

SLIDE 5:



Vista aérea da aldeia Demini do povo Yanomami, Amazonas. Foto: Marcos Wesley/CCPY, 2005



Natureza ou cultura?

Ambos, provavelmente responderão. Mas é possível separá-los?

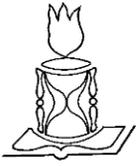
SLIDE 6:



Fonte: "Diário da Biologia"

Natureza ou cultura?

Tomates, mas transgênicos. Natureza e cultura, portanto. Perguntar se saberiam dizer em que ponto a natureza vira cultura? Um tomate cultivado de acordo com uma certa técnica não é também fruto de uma prática cultural?



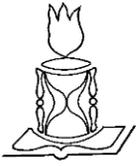
SLIDE 7:



De Instituto Socioambiental - Povos Indígenas do Brasil, Matis.

Natureza ou cultura?

Reflexão: comer é natural e cultural ao mesmo, sendo talvez o melhor exemplo de como esses dois campos não são realmente separados. É importante colocar os slides 7 e 8 em comparação. A maneira como cozinhamos, comemos e como interagimos com a comida tem relação direta com todo o mundo que nos cerca - de forma que a cultura de uma sociedade vai sendo construída e transformada a partir do contato com os outros seres que habitam esse mundo (sejam árvores, plantas, espíritos, etc.).



SLIDE 8:

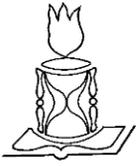


BBC, "One in six young people eat fast food 'twice a day'"

SLIDE 9:



Naankuse Wildlife Reserve, fotografia de Jack Somerville

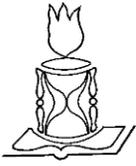


Reflexão: Os slides 9, 10 e 11 também dialogam. A relação que nossa sociedade tem para com a natureza ficam bem clara, mesmo no nosso dia-a-dia, na relação que temos com os animais. Muitas dessas visões são etnocêntricas (retomar o conceito de etnocentrismo). Por exemplo, há gente que considere cruel pequenas comunidades que vivem da caça, fechando os olhos para nosso próprio modo de produção da carne - em escala muitíssimo maior que a deles. Muita da relação dos ocidentais para com os animais é de dominação e exploração; assumindo, as vezes inconscientemente, que o “mundo natural” está lá para nos servir.

SLIDE 10:



Notícia: “O frango nosso de cada dia. Horror e glória da pecuária intensiva”



SLIDE 11:



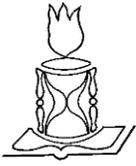
Fonte: “Animal Avengers” em “Opinião e Notícia”, prótese de plástico em pug

Natureza ou cultura?

Para casa: trazerem o resumo de uma notícia que trate de alguma questão relacionada à “natureza” (água, rio, clima, animais, tecnologias, ecoturismo, etc.).

• AULA 2:

A partir da discussão do teor das manchetes trazidas, iniciar uma exposição na qual se pretende expor histórica e sociologicamente as implicações da nossa construção de Natureza. Propõe-se partir da ideia de antropocentrismo que ganha centralidade na produção artística e intelectual na Renascença e posteriormente no Iluminismo. Um dos principais eixos do período é a defesa da superioridade humana (e de alguns humanos, excluindo normalmente negros, mulheres, indígenas e, claro, os loucos).



O argumento da razão como distintivo do homem em relação à mulher, outras sociedades e à natureza é uma maneira de pensar historicamente ocidental, não sendo, portanto, a única verdadeira. Ela abriu caminho para o chamado “evolucionismo” nas ciências humanas.

Partindo dessa contextualização histórica, que pretende “desnaturalizar a natureza”, falar brevemente do discurso desenvolvimentista:

O conceito de “desenvolvimento” foi primeiramente utilizado por Harry Truman, em 1949, como recupera o mexicano Gustavo Esteva) e da sua incorporação aos discursos da Organização das Nações Unidas e na sua equiparação com a ideia de “desenvolvimento social”. Ao ressaltar a imprecisão real do conceito, defende que ele foi tão facilmente incorporado ao modo de vida ocidental de modo acrítico tanto pela direita quanto pela esquerda porque é uma derivação de outra poderosa ideia-guia da civilização ocidental, a ideia de progresso – e de que esse progresso deve ser universalizado (ou seja, todos devem, necessariamente, desenvolver-se).

Segundo a filósofa Isabel Loureiro, guardadas as inúmeras diferenças, é central do Brasil tanto nos anos de Ditadura Militar quanto nos dos governos petistas a “adesão ao ideário desenvolvimentista/ neodesenvolvimentista, entendido o desenvolvimento como crescimento econômico, megaobras, megaeventos, monoculturas agrícolas, sem levar em conta os impactos sociais e ambientais sobre os povos tradicionais (mas também sobre a população urbana).” Seria impossível, portanto, falar em relação humanos – natureza sem levar em conta as práticas e retóricas do desenvolvimentismo, percebidas nestas atividades inegavelmente centrais para a economia brasileira.

O desenvolvimento é, então, bom para todos? E aquelas sociedades que têm outros valores e outras prioridades na vida que não necessariamente o lucro e o acúmulo?

ATIVIDADE 2 - Outras formas de relação e outros mundos que coexistem com os nossos.

Objetivo: Desnaturalizada nossa própria concepção do natural, apresentar outras concepções de pensar a natureza, tanto científicas como outras cosmovisões.



Duração: 3 aulas de 50 minutos

Recursos necessários: Projetor para exibição de notícia (se puder ser impressa e distribuída, melhor), exibição de curta metragem e discussão.

● AULA 3:

Momento 1. A fim de apresentar exemplos de como há mais conexões entre natureza e cultura do que pensamos, configurando uma realidade que é socioambiental, propõe-se a leitura conjunta da notícia sobre estudo realizado na Amazônia de como a floresta não apenas influencia diretamente a visão de mundo e a vida material de quem nela vive, como também - e só houve abertura para pensar dessa forma recentemente - foi ela mesma moldada pela presença humana; em um verdadeiro caminho de inter-relação.

“Civilizações pré-colombianas moldaram vegetação da Amazônia”,

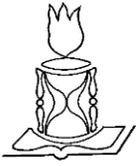
Folha de São Paulo Online:

“As florestas da Amazônia foram moldadas pela ação humana ao longo de milhares de anos, num processo que transformou boa parte da mata em gigantescos “pomares”, repletos de espécies domesticadas de árvores. O manejo habilidoso dessas plantas pelos antigos habitantes da região acabaria criando deleites gastronômicos que hoje chegam ao mundo todo, como o cacau e a castanha-do-pará.

Esses são os exemplos mais famosos, mas a lista completa é bem mais extensa: 85 espécies de árvores foram domesticadas em algum grau na floresta, calculam os autores de um estudo internacional que acaba de ser publicado na revista especializada “Science”.

Em alguns lugares da bacia do Amazonas, as espécies selecionadas e alteradas pela atividade humana chegam a ser as mais comuns da mata, apesar da gigantesca diversidade natural de vegetais da região.

“A gente está falando de sistemas sofisticados de produção de alimentos, mas que são muito diferentes dos de hoje porque a diversidade em si era algo importante. Você não tem o manejo de uma única espécie agrícola, mas de várias,



mantendo a floresta em pé", explica a bióloga Carolina Levis, uma das autoras da pesquisa, que está concluindo seu doutorado no Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) e na Universidade de Wageningen (Holanda).

No estudo, Levis e dezenas de outros colegas do Brasil e do exterior conseguiram traçar o mais completo mapa da presença dessas plantas na região. O ponto de partida para essa tarefa foram os dados da chamada ATDN (sigla inglesa de Rede de Diversidade de Árvores da Amazônia), que reúne informações sobre a distribuição de quase 5.000 espécies arbóreas amazônicas.

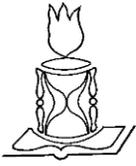
HIPERDOMINANTES

Usando esses dados, um dos colaboradores da nova pesquisa, o holandês Hans Ter Steege, já tinha mostrado que, apesar dessa imensa variedade de espécies, a Amazônia abriga algumas árvores "campeãs", conhecidas como hiperdominantes. São 227 espécies que, somadas, são muito mais comuns que a média das demais plantas, correspondendo a uns 50% de todas as árvores amazônicas.

Ocorre que, das 85 árvores domesticadas, 20 espécies fazem parte dessa lista das hiperdominantes –cinco vezes mais do que o esperado, quando se considera o número total de espécies arbóreas da região. Outro detalhe importante é que essas plantas domesticadas hiperdominantes são muito comuns na Amazônia: ao menos algumas delas estão presentes em 70% da região, enquanto as outras espécies hiperdominantes (as não domesticadas) só ocorrem em 47% da bacia.

Isso sugere que a ação humana é que as espalhou Amazônia afora, uma vez que estudos genéticos mostram que muitas dessas plantas domesticadas hoje florescem em lugares muito distantes de seu ambiente original –é o caso do próprio cacaueteiro, nativo do noroeste amazônico, mas hoje mais comum no sul da região.

E, de fato, na maioria das áreas, a concentração de espécies moldadas pelo uso humano aumenta nas proximidades de sítios arqueológicos e dos rios –ou seja, áreas que comprovadamente foram ocupadas por pessoas no passado ou que serviam (e ainda servem) como as principais estradas para quem circulava pela mata. Para onde os antigos indígenas iam, as plantas iam junto– e esse processo foi fazendo com que elas se tornassem cada vez mais comuns, alterando a composição



natural de espécies da floresta para que ela se tornasse cada vez mais útil para membros da nossa espécie.

CERVEJINHA

Isso significa, é claro, árvores que produziam frutos mais saborosos ou folhas e troncos mais adequados para a construção de cabanas –e mesmo as mais úteis para o preparo de bebidas fermentadas, explica Charles Clement, biólogo do Inpa e coautor do novo estudo.

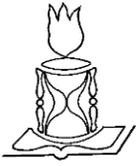
"Você certamente vai tomar uma cervejinha depois de sair do trabalho hoje. Os índios também consumiam uma grande variedade de cervejas, incluindo as feitas com o fruto da pupunha, que pode ser selecionado para ser muito rico em amido, o que favorece a fermentação", compara ele.

A pupunha é um dos casos de árvores amazônicas totalmente domesticadas, ou seja, que sofreram grandes modificações graças à seleção promovida pelo homem e que hoje dependem da nossa espécie para se propagar. Enquanto os frutos "selvagens" da planta pesavam só 1 grama, diz Clement, hoje é possível encontrar os que alcançam 150 gramas na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

A lista de espécies inclui ainda as classificadas como parcialmente domesticadas (é o caso do cacauieiro) e incipientemente domesticadas (a castanheira). A diferença é, em grande parte, questão de grau. O primeiro tipo já tem consideráveis diferenças de aparência e genética em relação aos seus parentes selvagens, embora ainda consiga se virar sozinho sem a ajuda humana, enquanto no segundo tipo essas mudanças são bem mais sutis, explica Carolina.

O arqueólogo Eduardo Góes Neves, da USP, que também assina a pesquisa, calcula que esse grande processo de "engenharia florestal" amazônica começou há pelo menos 6.000 anos, mas pode ter se intensificado de uns 2.500 anos para cá. É quando a região fica repleta de sítios com a chamada terra preta –um solo muito fértil produzido pela ação humana, em parte graças à queima controlada de restos de vegetais.

"Nossos dados mostram que a linha separando caçadores-coletores de agricultores na Amazônia foi muito tênue", afirma Neves. "Existe uma 'zona cinzenta'



na história de manejo dessas plantas, algumas das quais foram intensamente manejadas, mas nunca modificadas geneticamente a ponto de virarem novas espécies." Para o arqueólogo, o estudo mostra que, além de serem um patrimônio natural, as florestas da região também são um patrimônio cultural, por sua ligação estreita com a intervenção humana."

Link da notícia:

<http://m.folha.uol.com.br/ambiente/2017/03/1863192-civilizacoes-pre-colombianas-moldaram-vegetacao-da-amazonia.shtml?cmpid=compfb> - acesso em 01.11.17

Momento 2.

Exibição do curta metragem baseado no mito do povo Ayoreo, na Bolívia, chamado "Abuela Grillo" (12min). Trata do direito universal à água a partir da cosmovisão Ayoreo. A produção foi feita na Dinamarca, por The Animation Workshop, Nicobis, Escorzo, e pela Comunidade de Animadores Bolivianos.

Título: Abuela Grillo (Original)

Ano produção: 2009

Estreia: 2010 (Brasil)

Duração: 12 minutos

Classificação: L - Livre para todos os públicos

Gênero: Animação

Países de Origem: Bolívia

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AXz4XPuB_BM - acesso em 15/10/17.

● AULA 4:

Para essa aula apresentamos duas opções para o professor aprofundar-se na questão de outras maneiras de viver o mundo e relacionar-se com a natureza. A primeira lança mão do desafio da leitura coletiva de um texto acadêmico (sobre



as comunidades caipiras) e a segunda traz reflexão semelhante através de documentários (sobre comunidades de pescadores).

Opção 1: Dispondo a classe em roda, realizar uma leitura coletiva de “Os Parceiros do Rio Bonito”, de Antônio Candido (1964). Ler Introdução e Capítulo 1 (“Método”, “A Cultura Rústica”, “Os níveis de vida e de sociabilidade” e “Sociologia dos meios de subsistência”), da página 21 até 33. Caso não pareça haver tempo suficiente, priorizar os trechos “A Cultura Rústica” e especialmente “Os níveis de vida e de sociabilidade”, explicando previamente tratar-se de um estudo realizado por Candido junto às comunidades caipiras de Bofete (interior de São Paulo), de 1948 a 1954.

Devido ao elevado número de páginas, deve ser improvável conseguir xerox para cada estudantes. Se for o caso, é sugerida a leitura coletiva, passando o livro para o próximo depois de uma página ou um parágrafo. É importante que o professor faça pausas pelo menos a cada subitem para perguntar por dúvidas e sintetizar o discutido.

O objetivo da atividade é familiarizar-lhes com a linguagem acadêmica ao mesmo tempo em que apresentando, através da prática de leitura conjunta, uma forma coletiva de conhecer e aprender.

Bibliografia: CANDIDO, Antonio. OS PARCEIROS DO RIO BONITO. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11ª edição. Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro, 2010.

Opção 2: Trechos selecionados do documentário “Vento Forte” (1h02min), realizado pelo Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP) que aborda as situações de ameaça das comunidades pesqueiras do Brasil. Produzido pela Arte e Movimento.

Título: Vento Forte (Original)

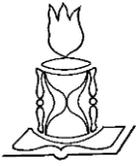
Ano produção: 2015

Estreia: 23 de Fevereiro de 2015 (Mundial)

Duração: 60min

Gênero: Documentário

Países de Origem: Brasil



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5mRz8ewTI5Y> - acesso em 15/10/17.

PARA CASA: Pedir que, baseando-se nas reflexões até então trabalhadas e especialmente do documentário ou leitura do texto de Antônio Candido, cada aluno escreva um pequeno texto crítico sobre “Diferentes formas de se relacionar com a natureza”, a partir do ponto que mais tenha interessado ao estudante (de 1 até 2 páginas). Ainda, pedir que tirem uma foto ou desenhem alguma cena na qual ele percebem algum tipo de interação (mais ou menos evidente entre humanos e mundo natural) para entrega na próxima aula.

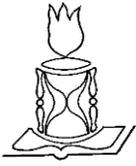
- AULA 5

A partir das fotografias trazidas e reflexões por eles realizadas, iniciar uma exposição sobre os materiais trabalhados e sobre como lidar com essa diversidade nas formas de interagir com o mundo que são diferentes da nossa.

Essa é a oportunidade para o professor sintetizar as discussões feitas até então, através das imagens de power point, notícias trazidas pelos alunos (aula 1 e 2); notícia sobre a antropogênese da floresta amazônica e o curta “Abuela Grillo” (aula 3); e pelo trecho lido de “Os Parceiros do Rio Bonito”, de Antônio Candido, ou do documentário visto.

Cuidado para não cair, acidentalmente, no discurso da diversidade cultural e preservação ambiental. Apesar de importantes, precisamos pontuar aqui que humanos e naturezas são separados apenas de acordo com uma visão historicamente estabelecida dos ocidentais, a qual permite uma série de práticas - que vão desde transgênico até a expansão da pecuária extensiva na Amazônia, por exemplo.

Para esse momento do curso, é recomendável que o professor leia “O Mito Moderno da Natureza Intocada”, de Antonio Carlos Diegues, especialmente o Capítulo 1, que trata do surgimento na noção de “natureza selvagem” e a concepção norte-americana de unidades de conservação (que não comportam presença humana). A ideia aqui é expor como, em uma sociedade que se separa ideologicamente da natureza tem de criar parques apenas para proteger a mesma natureza da própria



sociedade. Ainda, opondo sociedade e natureza, partimos do pressuposto etnocêntrico de que todos os povos e comunidades tem a mesma relação de antagonismo e dominação do mundo natural, justificando a criação dos “parques sem gente”.

ATIVIDADE 3 - Conflitos socioambientais no Brasil atual

Objetivo : Aprofundar-se com os estudantes nos conflitos agrários e ambientais no Brasil atual, a partir de mapas, gráficos e tabelas.

Duração: 3 aulas de 50min

Recursos necessários: Projetor, computador e acesso à internet.

- AULA 6: Apresentar o mapa dos conflitos socioambientais no Brasil (Fiocruz) através do qual é possível investigar, por UF, todos os conflitos socioambientais (atores envolvidos, causas, consequências e etc.):

<https://www.conflitoambiental.icict.fiocruz.br/index.php>

A partir de uma breve lida em dois casos de cada UF, listar as razões (exploração madeireira, biopirataria, rodovias, pecuária, etc.) e aqueles atingidos pelos empreendimentos. Refletir a partir dessa sistematização quais as principais ameaças e quem (quais biomas e povos) estão sob ameaça.

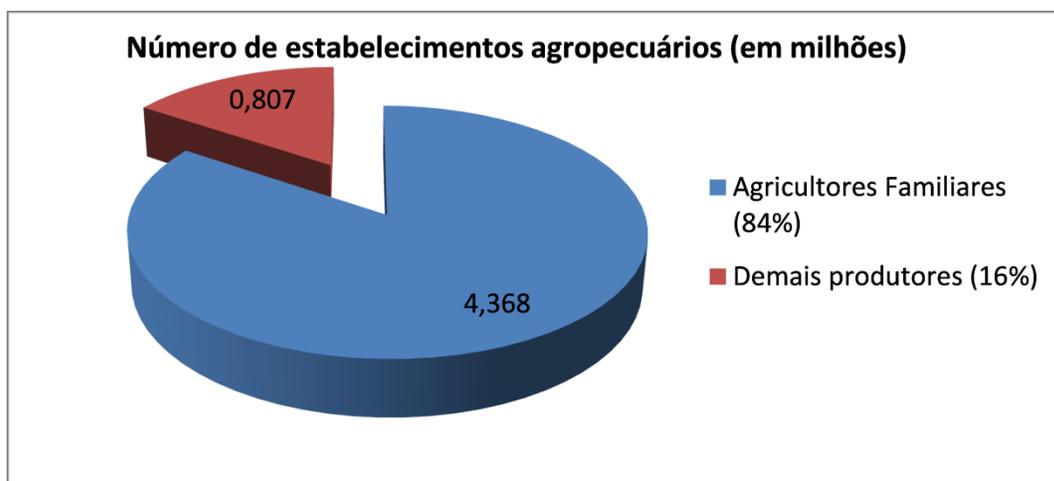
PARA CASA: Em grupos, pedir que pesquisem sobre um dos conflitos do site, sintetizando em um sulfite o que foi encontrado e está em jogo. Em outras palavras, pedir que sistematizem de maneira não dissertativa, mas através de esquemas, tópicos - ou da maneira que preferirem - um desses conflitos. Entregar na próxima aula e verificar a possibilidade de exposição disso em algum espaço da escola ou da sala de aula.



- AULA 7: Apresentar dados sobre concentração agrária no Brasil, o pequeno agricultor e o caso do MST.

1: Exibição e discussão dos gráficos e tabelas sobre concentração agrária no Brasil. Pedir que os alunos digam as informações passadas pelos gráficos, realizando junto com o professor um exercício coletivo de associar os quatro gráficos.

Gráfico 1



Fonte: CoDAF, disponível em <<http://codaf.tupa.unesp.br/informacoes/a-importancia-da-agricultura-familiar>>. Dados do Censo Agropecuário de 2006.

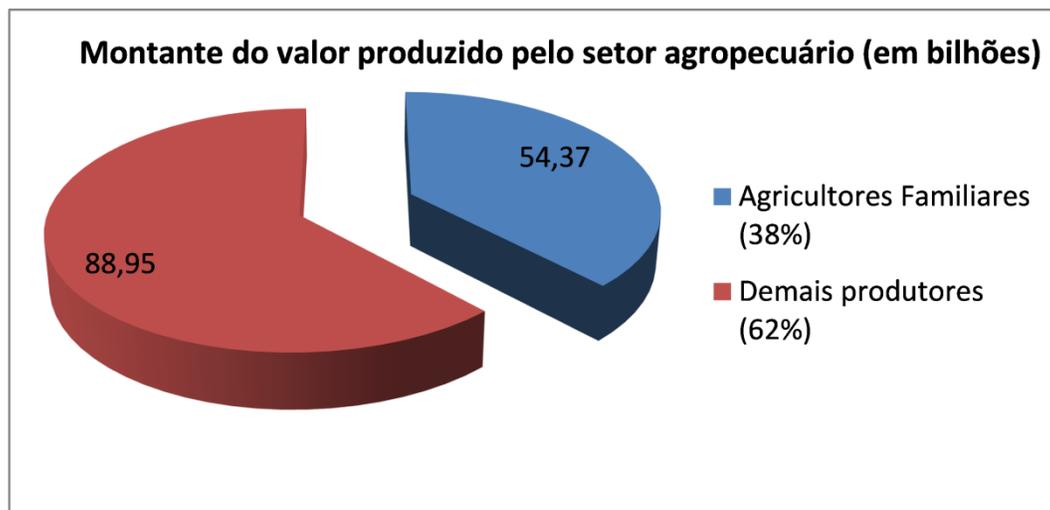


Gráfico 2



Fonte: CoDAF, disponível em <<http://codaf.tupa.unesp.br/informacoes/a-importancia-da-agricultura-familiar>>.Dados do Censo Agropecuário de 2006.

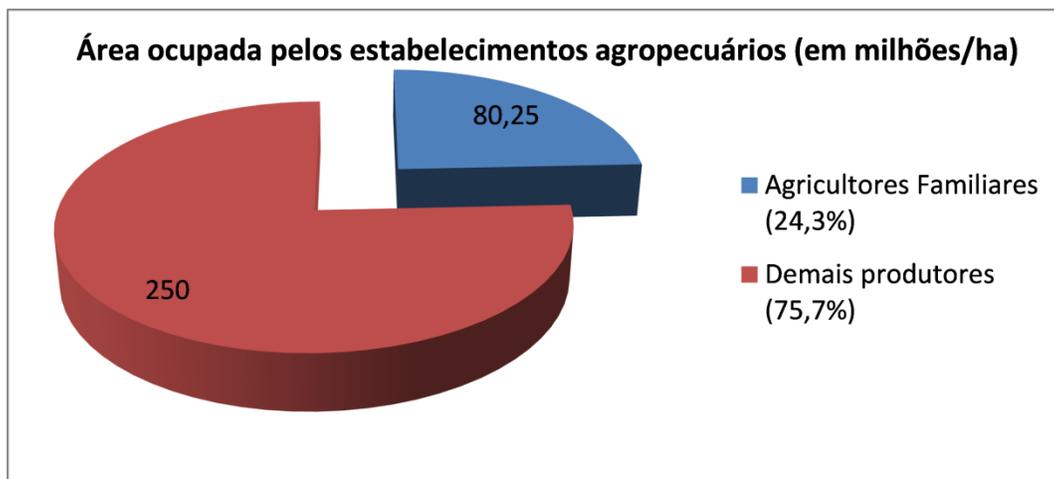
Gráfico 3



Fonte: CoDAF, disponível em <<http://codaf.tupa.unesp.br/informacoes/a-importancia-da-agricultura-familiar>>.Dados do Censo Agropecuário de 2006.



Gráfico 4



Fonte: CoDAF, disponível em <<http://codaf.tupa.unesp.br/informacoes/a-importancia-da-agricultura-familiar>>.Dados do Censo Agropecuário de 2006.

Vemos no **gráfico 1** que grande parte dos estabelecimentos agropecuários são de agricultura familiar. Isso ajuda a compreender porque no **gráfico 2** observamos que 74% da mão-de-obra no campo advém da agricultura familiar.

Porém, é são os cultivos e criação voltados para o agronegócios aqueles que ocupam a maior área (quase 76%) das áreas agriculturáveis do Brasil, isso é o que chamamos “concentração agrária”: muita terra na mão de poucos. Apesar de vermos no **gráfico 3** que é o agronegócio que produz 62% do montante de dinheiro do país em relação à agropecuária, é importante informar os alunos que é a agricultura familiar quem alimenta o país.

Aqui o professor pode apresentar os dados da Secretaria de Agricultura Familiar, que afirma que 70% dos alimentos consumidos no país são provenientes da agricultura familiar: 87% da mandioca, feijão (70%), carne suína (59%), leite (58%), carne de aves (50%) e milho (46%).

Fonte:

<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro> - acesso em 02/12/17.



2: Em seguida, perguntar pelo que os alunos sabem de movimentos sociais pela terra, perguntar em seguida o que eles conhecem sobre o MST.

Apresentação do vídeo de apresentação do MST, através do qual contam sua história e atividades (2min52):

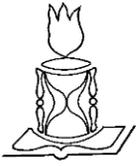
https://www.youtube.com/watch?time_continue=5&v=kvKhNUkxfYk

A partir das respostas, iniciar a discussão sobre como essas lutas pela terra ou contra a expulsão da terra, devido à diversidade cultural e natural do Brasil, normalmente configuraram lutas locais, com pautas e estratégias parecidas. Mas um deles em especial, aquele que tornou-se segunda a autora, o maior movimento social da América Latina, adquire um caráter nacional para uma pauta igualmente nacional, que é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Apesar de ser um movimento que surge da inspiração dos movimentos de luta pela terra anteriores (desde o Quilombo dos Palmares até as Ligas Camponesas, último movimento nacional com essa finalidade antes do MST), suas raízes estão no uso da terra e na formação e manutenção de latifúndios que politicamente é implantada no Brasil desde a colonização e especialmente após a Lei de Terras em 1850. Essa, após a proibição do tráfico de escravos, dificulta a aquisição de terras por ex-escravos e camponeses através da venda destas por um alto preço, apesar da enorme quantidade de terras subutilizadas no país (p. 9).

Desde então temos a reiteração de uma elite latifundiária com práticas políticas que dificultam a posse da terra pelo pequeno produtor. Durante a ditadura, através da criação de um sistema de créditos e subsídios, vemos um aumento das áreas de monocultura junto de uma mecanização da agricultura, as quais levam, em duas décadas, ao êxodo rural de cerca de 30 milhões de pessoas.

Diante da retirada da reforma agrária da pauta dos governos petistas, há uma mudança de tática por parte do movimento. Abandona-se a reivindicação de uma reforma agrária clássica através da democratização da propriedade da terra, e passam a defender também, além da desapropriação dos latifúndios improdutivos, a reorganização de uma matriz agrícola nacional para uma nova, com tecnologias baseadas na agroecologia (pequenos latifúndios com diversidade de cultivos) e da ampla democratização da educação no campo.



- AULA 8: E esses movimentos locais, quais seriam? Contra o que e contra quem eles lutam?

Apresentar brevemente alguns vídeos e documentos, a fim de que os estudantes tomem contato com algumas das reivindicações que povos indígenas, comunidades quilombolas e tradicionais, etc., tem proclamado. A questão neste ponto é menos a assimilação perfeita de cada luta, mas mais a percepção de que são muitas acontecendo. O central, na realidade, seria novamente anotar aquilo que esses grupos identificam como a principal ameaça.

1. Discursos de grupos locais:

Material 1: Rap Guarani de Tenondé Porã (Terra Indígena que fica na própria cidade de São Paulo, em Parelheiros, Zona Sul): “A todo povo que luta” (4min18)

<https://www.youtube.com/watch?v=uUvS8Gnbkww> - acesso em 04/12/17.

Letra:

Tenonde Porã, aqui é o meu lugar
eu luto pela terra, por toda Yvyrupa
Parelheiros, zona sul, São Paulo
a todo povo guarani eu saúdo:
Mbya, Guarani, Kaiowa, Nhandeva
Antes do jurua subir a serra
eu mando um abraço para todo irmão negro
hoje já corre no sangue, bate forte no peito
carrego o dom de ritmo e poesia
eu e todo povo da periferia
pra chegar e somar
canta rap sempre quis
mesmo sofrendo a gente sabe ser feliz
medo de prova, o dia a dia é nosso teste
A todo povo de luta: Aguyjevete!*
Demarcação já – é a terra protegida



**Demarcação já – é a mata preservada
nossa maior luta é por autonomia
xondaros e xondarias todo dia**

* *“Aguyjevete!” é usada como saudação na língua guarani*

Perguntar aos estudantes: que mensagem eles passam com essa música? Eles falam de natureza nela? Lembrando que, apesar do vídeo ser de jovens de Tenondé Porã, ele é lançado como apoio à reintegração de posse na aldeia Itakupe, no Jaraguá. Existem portanto duas terras indígenas na cidade de São Paulo.

Para mais informações sobre o povo Guarani em São Paulo:

<http://www.yvyrupa.org.br/> - acesso em 04/12/17.

Material 2: Vídeo da revista Carta Maior sobre o genocídio do povo Guarani Kayowá, no Mato Grosso do Sul: “Algumas palavras do povo Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul” (5min07)

<https://www.youtube.com/watch?v=n7tJWKCqS68> - acesso em 04/12/17.

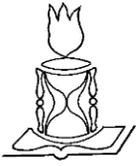
O Mato Grosso do Sul é o maior produtor de soja do país, mas também é a terra ancestral dos Guarani Kaiowá, povo que, devido à violência dos fazendeiros - os quais estão em grande peso nas bancadas do Congresso Nacional e do Senado - vivem uma história de escravidão, perseguição e expulsão, além de uma série de assassinatos. Este caso configura um genocídio para ONU e alarma diversos órgãos internacionais. De acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), entre 2003 e 2010, 253 indígenas foram assassinados em Mato Grosso do Sul.

Mais informações sobre o genocídio dos guarani kaiowá:

<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/> - acesso em 04/12/17.

<https://anistia.org.br/guarani-kaiowa-margem-dos-direitos/> - acesso em 04/12/17.

Material 3: Vídeo realizado pela Comissão Pró-Índio de São Paulo sobre a mineração de bauxita que ameaça as comunidades quilombolas em Oriximiná, Pará: “Expansão da Mineração Ameaça Terras Quilombolas em Oriximiná” (4min03)



<https://www.youtube.com/watch?v=GGEuG4lwE-4> - acesso em 04/12/17.

Sugere-se que nesse vídeo o professor pare quando aparecerem os trechos com informações sobre a história das comunidades e sobre a mineração, para que seja possível acompanhar.

No final, fazer as mesmas perguntas que no primeiro vídeo: qual a demanda dos quilombolas? O que eles, e os indígenas do vídeo, falam sobre a relação deles com a natureza?

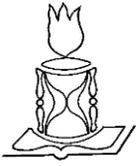
Mais informações sobre os quilombolas de Oriximiná e sua Relação com a Mineração Rio do Norte: <http://www.quilombo.org.br/mineracao> - acesso em 04/12/17.

2. Reflexão: Quais são as ameaças em cada caso? Pelo que esses movimentos pedem?

Os indígenas de Tenondé Porã e do Jaraguá lutam no contexto urbano, na cidade de São Paulo, pela demarcação de suas terras. Os guarani kaiowá no Mato Grosso do Sul vivem na beira das estradas, em um contexto de assassinatos e fome, devido aos latifúndios de monocultivos (de soja para exportação, especialmente). Os quilombolas e indígenas no Pará estão em luta contra um mineradora em suas terras. O que esses casos, em pontos tão diferentes do Brasil, tem em comum?

A relação com o mundo do branco e a mercantilização da natureza (nossa visão da natureza como recurso natural, como objeto que pode nos servir). A partir das respostas dos estudantes, retomar o já discutido sempre com o foco no processo histórico particular da civilização ocidental a qual, pós- Idade Média, passa a ir dissociando-se da natureza e centrando todas as suas explicações e o seu centro no Homem e na Razão, até o surgimento da burguesia (símbolo dessa racionalidade instrumental e desse cálculo em relação a fins) e então do sistema capitalista, o qual é baseado necessariamente na instituição da propriedade privada (ou seja, na venda e compra do “mundo natural”), e portanto, em sua exploração.

De acordo com o geógrafo David Harvey, o capitalismo tem como mecanismo não apenas inicial, mas de contínua perpetuação, a desapropriação contínua de pessoas,



lugares, reservas naturais - tanto no contexto urbano quanto rural. Ele vê tal processo como um problema da superacumulação pois, a partir do momento que existe uma redução de investimentos nos países ricos, o capital excedente iria sempre buscar outros mercados. As comunidades, povos e ambientes naturais mais à margem desse processo capitalista são aqueles expulsos em nome de grandes empreendimentos, pecuária, monoculturas e especulação imobiliária - as grandes atividades geradoras de lucro e que, no caso brasileiro, correspondem ao nosso papel na economia internacional (ainda somos um país agroexportador, desde nossos tempos de colônia).

É em resistência a esse processo, de apropriação capitalista, em busca de lucro, da natureza e das terras de pequenos produtores, indígenas e comunidades tradicionais, que esses movimentos se articulam. O que nos cabe pensar, agora, é se 1. é justo impor-nos, com nossa visão de mundo e nosso sistema econômico (o capitalismo), sobre outras culturas e formas de ver o mundo, e se 2. essa relação que o capitalismo tem para com a natureza (ora isolando-a para protegê-la, ora colocando preço e a vendendo como se fosse um recurso infinito, não é um relação danosa e fadada à ruína, não só da natureza (e portanto de todos nós), mas de todas as culturas, com os mundos próprios e ensinamentos que elas trazem.

PARA CASA: Texto em trios (aproximadamente 4 páginas), individual, abordando – através de um caso escolhido pelo grupo - que reflita sobre algumas das consequências e problemas da nossa relação com os humanos diferentes de nós e os não-humanos. - 40% da nota final.